

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE S. PAULO

SÓLON BORGES DOS REIS

REVISTA DE EDUCAÇÃO

SETEMBRO e DEZEMBRO

VOLUME XXVII

1939

N^{os}. 27 e 28

S. PAULO - BRASIL

SUMÁRIO

	PÁGS.
Dr. Alvaro de Figueiredo Guilão — Discurso que S. Excia. o Dr. Alvaro Guilão la pronunciar em Viçosa.....	3
Lourenço Filho — A Pedagogia Norte-Americana	10
D. José Gaspar de Afonseca e Silva — Problemas Educacionais	21
Luiz Gonzaga Fleury — O método de projetos e os métodos tradicionais — Programas e horários	25
Comissão de Estudos do S. I. A. E. — Testes	28
Fabiano R. Lozano e Judas Isgorogots — Os sinos da Vila Figueira de Melo — Alguns Conselhos sobre Vermínoses..	64
José Benedito Madureira — O Desenho na Escola Primária	74
Maria Antonieta de Castro — O Problema da Alimentação dos Escolares	77
Luiz Gonzaga Fleury — Súmula de Lógica Clássica	84
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — Circulares e Atos	94
FATOS E INICIATIVAS — O novo Secretário da Educação e Saúde Pública, 141 — Homenagem prestada aos Drs. Adhemar de Barros e Alvaro Guilão, 147 — Uniformização dos Assuntos Técnico-Administrativos da Delegação do Ensino da Capital, 148 — Revestiram-se de grande brilho as festividades da "Semana da Criança", 149 — O Interventor Federal visita a antiga Escola Normal Modelo, hoje "Castano de Campos", 153 — Discurso da Sra. D. Carolina Rúbeiro, Diretora da Escola Normal Modelo, 154 — O Dia da Bandeira, 156 — A Alimentação Racional em S. Paulo, 160 — Bandeira Paulista de Alfabetização, 165 — Organização Nacional do Ensino Primário,	166
LEGISLAÇÃO ESCOLAR	178
ATRAVÉS DE REVISTAS — Verdadeiro Laboratório da Obra de Nacionalização da Criança, 201 — Método Analítico, 203 — Um Pedagogo Eminentíssimo, 206 — A Merenda na Escola, 208 — A Criança na Escola e na Vida, 209 — Escolha Prematura, 212 — A Educação e o Estado Novo, 214 — Novos Rumos, 216 — A Educação Inglesa, 218 — Frequência Escolar, 220 — A Língua e sua Pedagogia	222
PUBLICAÇÕES	225

São Paulo - BRASIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

SÓLON BORGES DOS REIS

VOLUME XXVII

SETEMBRO E DEZEMBRO
1939

1939
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO
S. PAULO

O método de projetos e os métodos tradicionais — Programas e horários

LUIZ GONZAGA FLEURY

(Chefe de Serviço, aposentado, do Departamento da Educação)

1 — Vantagens do método de projetos.

O chamado método de projetos oferece vantagens evidentes: motiva o processo do aprendizado, globaliza-o, torna-o ativista, dá-lhe cunho natural e realístico.

E' muito superior ao método de globalização de Decroly, por ser mais natural, mais ativista e mais realístico do que êste.

E' o mesmo método usado na vida para a realização dos nossos desejos, propósitos, aspirações ou empreendimentos, dos mais simples aos mais complexos.

A sua aceitação na escola é, pois, a adoção por esta de um processo funcional de vida.

Isso é bem verdade, com a condição, fácil de se subentender, mas que é melhor tornar explícita, de ser o método bem empregado.

2 — O método de projetos e os métodos tradicionais.

Dadas as vantagens do método de projetos, significará a sua adoção nas escolas o banimento dos bons métodos e processos tradicionais de ensino e educação?

Não. Nenhuma incompatibilidade existe entre aquele e êstes. Pelo contrário, o método de projetos tem necessidade dêstes como complementos indispensáveis e insubstituíveis.

Se a escola tem conseguido ensinar e educar sem a adoção do método de projetos, já não poderia fazê-lo se pretendesse usar exclusivamente o método de projetos, renegando os métodos tradicionais.

Não o poderia, porquê o método de projetos não é, por si só, método didático propriamente dito, isto é, não é método que apresente aos alunos, na ordem conveniente ao aprendizado, quer do ponto de vista lógico, quer do ponto de vista psicológico, as matérias ou as atividades a aprender, nem que lhes proporcione os processos mais adequados e mais econômicos para aquele fim, como devem fazer os verdadeiros métodos didáticos.

Na verdade, o desenvolvimento de um projeto pode determinar, e frequentemente determina, a necessidade de os alunos entenderem e resolverem questões adiantadas, sem que conheçam sequer as noções elementares das respectivas ciências, numa

inversão da ordem lógica, da ordem natural e da ordem psicológica que chega a constituir um impasse embaraçante. Por exemplo, pode determinar a necessidade de se processar a divisão, sem que os alunos saibam sequer somar; a de interpretar um fato histórico, sem que saibam nada de história; ou a de redigir, sem que saibam sequer ler, etc.

Dai a grande dificuldade, senão a quasi impossibilidade, do emprego do método de projetos nas classes de 1.º ano, antes que os alunos tenham aprendido pelos métodos e processos tradicionais, pelo menos as três técnicas fundamentais — leitura, cálculo e escrita.

E' que, por si só, o método de projetos se reduz, principal ou essencialmente, a um agente de motivação, agente, aliás, da maior importância.

Só se torna método didático quando combinado com os métodos e processos didáticos propriamente ditos, cuja virtude exalça, penetrando-os da alma dos motivos naturais. E' esse métodos e processos são os tradicionais, de que há grande número, nem todos de igual eficiência, mas muitos deles excelentes.

Para o ensino da leitura, por exemplo, há os métodos tradicionais: sintético-puro, analítico-puro e os analíticos-sintéticos, nas seguintes modalidades: soletração, silabação, palavração e sentençação; a primeira abandonada; a segunda muito usada em escolas particulares; a terceira pouco usada e a quarta preconizada principalmente na sua feição analítico-sintética.

3 — O método de projetos, o programa e os horários.

Mas não é só dos métodos e processos didáticos tradicionais que o método de projetos tem necessidade para se tornar eficiente. Necessita ainda, para tanto, de respeitar um bom programa de ensino, ainda que mínimo e flexível, e de respeitar horários, ainda que elásticos.

De fato. Antes de mais nada, "o programa é a garantia da homogeneidade cultural de um povo", e, assim sendo, não pode deixar de ser respeitado. De outro lado, um bom programa não é mero repositório de matéria: é um plano pedagógico, em que aparecem as matérias indispensáveis, dispostas em sequência, segundo suas relações lógicas e naturais, e distribuídas pelos diferentes graus do ensino conforme o alcance mental determinado pelo desenvolvimento natural e pela escolaridade dos alunos. Representa, pois, necessidade política, social e pedagógica.

E' um plano-limite, ao mesmo tempo que um plano-guia,

além ou aquém do qual não convém ir ou se deixar ficar, salvo excepcionalmente.

A sua observância evitará as duas tendências a que ficam expostos os sistemas globalizadores, inclusive o de projetos, como é claro, e que são a da concentração excessiva, da atribuição de importância quasi exclusiva ao assunto central do sistema, com prejuízo das necessidades da educação integral, e a da excessiva dispersão, da falta de boa seleção de assuntos secundários, ou de terceira ordem, trazidos à baila por associações mais ou menos fortuitas, ou, mesmo lógicas e naturais, mas não essenciais para a formação inicial da mentalidade infantil, e que a sobrecarregam de informações sobre particularidades despiciendas, à custa, aliás, de certo abandono das questões realmente importantes pelo seu valor teórico geral, ou pelo seu valor pragmático.

Quanto aos horários de classe, que nada mais são do que programas-diários que põem diante dos olhos dos professores as matérias a serem tratadas, para que não as percam de vista, como será possível desprezá-los e bani-los?

São guias indispensáveis, tanto mais quanto, para o aprendizado, para a sua fixação, para a sua sistematização, há necessidade de momentos especialmente determinados.

Como aplicar os métodos de ensino da leitura, de aritmética e cálculo, de ciências, de trabalhos manuais, etc., se não se destinarem horas regulares, pelo menos umas poucas vezes por semana, horas mais ou menos obrigatórias, ainda que passíveis de certa flexibilidade, para explicações sistemáticas, para exercícios adestradores, para repetições fixadoras dos resultados dos exercícios, para a formação de hábitos, para o desenvolvimento de habilidades técnicas, coisas todas essenciais?

Sem essas horas, os alunos ficarão arriscados a passar pelos assuntos e atividades mais ou menos de corrida e a não aprenderem ou, pelo menos, a não reterem indelevelmente o aprendido.

COMISSÃO DE ESTUDOS DO S. I. A. E.

O presente trabalho, elaborado pela Comissão de Estudos, da Chefia das Instituições Auxiliares da Escola, do Departamento de Educação, (1) tem por fim continuar a obra de divulgação, referente aos testes, já tão bem encaminhada pelo Laboratório de Psicologia ora anexo à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de S. Paulo, e pelos esforços isolados de colaboradores desta Revista, de diretores e professores, que, isoladamente, têm colhido resultados satisfatórios neste campo educacional.

Neste artigo serão estudadas, em linhas gerais, as funções dos testes, e, em seguida, será feito o exame circunstanciado de um teste, o ABC, de autoria do Prof. Dr. Lourenço Filho.

A FUNÇÃO DOS TESTES

O teste é uma prova aplicada sob certas regras, com o fim de verificar potenciais de desenvolvimento (testes psicológicos) ou cabedal de conhecimentos (testes pedagógicos). Como os fenômenos psíquicos se apresentam em contínua dependência uns dos outros, é claro que não pode haver uma distinção absoluta entre teste psicológico e pedagógico, restrição a que deve obedecer, aliás, toda interpretação de classificações.

O teste isola, tanto quanto possível, os traços a examinar, eliminando, tanto quanto possível, as variáveis de aplicação: este fim visam as regras a que nos referimos acima. Portanto, o teste tem um fim específico e obtém um resultado específico. Daí a importância de se estudarem, para a construção do teste, os traços realmente essenciais a uma determinada capacidade ou os resultados realmente essenciais da experiência (conhecimentos adquiridos) em determinado campo.

E, neste ponto, por isso que a pesquisa dos traços e conhecimentos essenciais exige experiências em grande escala, o teste realmente científico atinge um valor social: estabelece um pa-

drão representativo de um grupo ou classe de pessoas, definindo requisitos para uma determinada atividade e permitindo a comparação do indivíduo ao grupo a que pertence.

O teste psicológico, diferenciando-se do pedagógico pela natureza do objeto a examinar, é utilizado em educação, principalmente em função seletiva — pois que a seleção de alunos deverá, em regra geral, ser feita segundo possibilidades de desenvolvimento — ou como diagnóstico, sobretudo no caso de crianças-problema.

O teste pedagógico é utilizado como elemento de verificação dos conhecimentos adquiridos, podendo também servir de base para seleção.

Passemos agora, a examinar o teste, dentro da situação real em que ele se faz necessário:

A — O teste em sua função seletiva e diagnosticadora

Nenhum professor começa anualmente o seu trabalho, sem procurar conhecer seus alunos. Um dos seus primeiros cuidados é dar à classe provas fáceis, para distinguir quais os alunos mais fortes, os médios e os mais fracos. A professora do 1.º ano muito árduo se torna realizar esta tarefa entre analfabetos, pois estes não dominam o mecanismo da escrita, o que dificulta a exteriorização e verificação de suas possibilidades de aprendizagem. O que ele poderá fazer, imediatamente, é separar os semi-alfabetizados. Como proceder em relação aos outros? — Dar-lhes o mesmo tratamento, ignorando se há, entre os alunos, ao lado de crianças dotadas de maneira excelente para o aprendizado da leitura e escrita, outras absolutamente incapazes de coordenar seus movimentos, ou de gravar formas correspondentes a sons articulados em palavras? Este tratamento acentuaria ainda as diferenças iniciais: um grupo avançaria rapidamente e outro ficaria estacionado, necessitando de tratamento especial. Com este problema já deparou toda professora de 1.º ano, ficando perplexa, senão desanimada.

Solução para esta dificuldade seria separar, em classes diferentes, os alunos dotados de maneira diferente. E' a tarefa dos testes psicológicos, em se tratando, como neste caso, de 1.º ano; dos psicológicos, ou dos pedagógicos, isolados ou combinados, quando se trate de classes mais adiantadas.

Para evitar a unilateralidade de resultados que o teste acarretaria, como medida específica que é, os testes são organizados como "baterias", isto é, constituem um conjunto de provas em que cada uma verifica: ou a maturidade da atividade motora, ou,

(1) N. R. — A Comissão de Estudos, encarregada deste trabalho, constitui-se das seguintes professoras: Adalvia de Toledo, Dirce Ribeiro de Arruda, Haydée Bueno de Camargo, Maria Aparecida Pimenta, Maria Odila Guimarães Bueno, Mary Quirino dos Santos, Matilde Brasilien-se, Palmira Sampaio Moraes.

da memória visual, auditiva, ou, de qualquer função que entra em jogo na aprendizagem em questão. Em São Paulo, tem sido empregados, para fins de seleção o teste Binet-Simon, em pequena escala, o teste ABC, do Prof. Lourenço Filho, ambos de aplicação individual, o Dearborn, o Kuhlmann-Anderson, estes últimos de aplicação coletiva, que tem sobre a individual, a vantagem de não alterar a situação normal da classe.

A seleção dos alunos em grupos menos heterogêneos permite o professor dar tratamento mais adequado às várias capacidades. Dizemos menos heterogêneos, porque a homogeneidade obtida na classificação pelos testes não é absoluta. Segundo estudos feitos, vários alunos apresentarão vários tipos de reação à mesma situação de aprendizado. A seleção apenas reduz a heterogeneidade, de maneira favorável ao ensino, sem impedir o intercâmbio de influências entre os alunos diferentes, que continuam a existir na classe selecionada.

Além da sua utilidade para o rendimento do ensino, a qual redundará numa vantagem econômica para o Estado, a seleção dos alunos apresenta outra vantagem prática: define a responsabilidade da professora, constituindo, por isso, um estímulo natural, que é a certeza de que sua eficiência se julgará em relação aos valores recebidos. A Diretoria Geral do Ensino, hoje Departamento de Educação, deu uma feição prática a este estímulo, estabelecendo coeficientes de promoção, proporcionais à classificação pelo teste. Assim, o aluno considerado forte vale, para efeito de promoção, 1; o aluno médio vale 1,3; o aluno fraco, 1,8. Como medida de equidade, poderiam também os diretores adotar, na distribuição das classes, o sistema rotativo, bem como diminuir o efetivo das classes fracas.

B — O teste, como elemento de verificação de conhecimentos

No correr de suas aulas, o professor tem contínua necessidade de verificar a justa medida em que seus alunos dominam as noções ensinadas, como base da aprendizagem subsequente. Além dos meios orais de verificação, ocasionais ou intencionais, existem as provas escritas: o professor formula algumas questões, relativas às noções ensinadas, e os alunos respondem por escrito. O julgamento destas provas será, porém, de tal maneira influenciado pela linguagem e estética de apresentação, pela opinião formada a respeito de cada aluno, — não citando ainda as condições físicas, transitórias, favoráveis ou não, da avaliadora — que as noções cuja medida a professora deseja ter, reduzem-se a um péso mínimo sobre a nota dada.

Ora, por sua natureza objetiva, o teste pedagógico, isolando os conhecimentos a verificar e reduzindo as variáveis de aplicação, tem, sobre as provas comuns importantes vantagens:

1.^a — Uniformiza a execução:

- a) reduzindo as variáveis de tempo (Por exigir uma reação pronta, facilita o controle, no correr da prova, e elimina a possibilidade de fraude, benefício que, por si só, deveria bastar para convencer da necessidade da aplicação dos testes. Formar-se a criança com a noção da responsabilidade do que faz e assina é escopo garantido pela aplicação dos testes);
- b) reduzindo as variáveis impostas pelas diferenças individuais de escrita e uso da língua.

2.^a — Uniformiza o julgamento, reduzindo a influência das condições físicas e emotivas do professor.

Não há dúvida que existem variáveis que não se podem eliminar, tais sejam as condições do ambiente, ou as condições físicas, transitórias, do aluno, além das diferenças de temperamento e de capacidade de adaptação, que tanto influem sobre o rendimento. Mas, são variáveis que existem também, e com maior poder de ação, quando o aluno trata de elaborar uma prova comum, que o obriga a um maior dispêndio de energia.

Os testes pedagógicos, em suas várias formas (alternativa, escolha simples e múltipla, identificação, completamento, associação e julgamento), aplicáveis, segundo o fim específico que visa o professor, percorrem uma escala que, partindo do objetivismo mais estrito possível (teste de alternativa), evolue, para formas mais livres (testes de associação e julgamento). Por outro lado, justamente pelo seu objetivismo, os testes de alternativa e escolha simples poderão facilitar a seleção por acaso, ou adivinhação, o que diminuem a segurança dos resultados, ao passo que os testes de execução mais livre, perdendo o objetivismo, deixam de permitir o acerto casual, tornando-se, ao mesmo tempo, mais expressivos, quanto à representação global do aluno. Esta escala de testes seria, consequentemente, continuada pelas provas comuns, que, embora dificultando os resultados objetivos, dão margem à expansão plena da personalidade dos alunos, o que permite também a observação sobre o psiquismo dos mesmos. Tais considerações levam-nos à conclusão de que se devem utilizar todas essas formas de testes e mais as provas co-

mun, porque todos esses gêneros de prova visam fins diferentes, todos eles dignos de ser atingidos no trabalho educativo.

Antes de passarmos ao estudo do teste ABC, desejamos situá-lo segundo os seus fins especiais, entre os outros testes psicológicos.

Como veremos mais adiante, o teste ABC mede uma capacidade especial (nível de maturidade para a leitura e escrita), em quanto outros testes psicológicos, como o Binet-Simon, o Dearborn e o Kuhlman-Anderson examinam a capacidade geral dos alunos. É esta a distinção que se pôde estabelecer entre os vários tipos de testes psicológicos, também chamados testes de fundo, por medirem capacidades menos sujeitas à aprendizagem. Igual classificação poderá ser feita quanto aos testes pedagógicos, ou de resultado, dos quais alguns se destinam a medir a experiência ou aprendizagem geral, e outros, a experiência ou aprendizagem especial. No entanto, convem frisar que esta classificação é feita para fins teóricos, porque não podemos determinar os limites da influência conjunta da aprendizagem e da maturação.

Assim, o teste psicológico que mede a capacidade geral, não deixa também de revelar certas capacidades especiais; e a medida de uma capacidade especial não deixa de se estender à capacidade geral. O mesmo se dá em relação aos testes pedagógicos.

T E S T E S A B C

Os testes ABC, do Prof. Lourenço Filho, são de inteira comprovação experimental em nosso país. Aplicados em crianças matriculadas no 1.º grau, antes de qualquer aprendizagem — ou mesmo depois, em se tratando de alunos repetentes — classificam-nas pela sua real capacidade de aprender a Leitura e Escrita, permitindo, ao lado da organização de classes selecionadas, o estudo de casos individuais.

Compõem-se de uma série de oito provas, escolhidas dentre vinte e duas, experimentadas nos primeiros ensaios, e aferidas em 814 crianças analfabetas, de 5 a 11 anos (1927-1929). O objetivo de cada uma dessas provas, analíticas e individuais, é medir aspectos particulares da capacidade de ler e escrever.

Assim, o Teste 1 mede a coordenação visual-motora, por meio de três figuras cuja percepção requer movimentos mais ou menos definidos (Modelo 2).

O Teste 2 é destinado à verificação da memória imediata. Nessa prova, o examinando, depois de olhar, durante 30 segun-

dos, para um cartão grande, onde estão sete figuras bem nítidas e de tamanho regular, terá de nomear os objetos vistos (memorização visual imediata. (Modelo 3).

O Teste 3 mede a memória motora. Consta da reprodução motora e gráfica de três espécies de movimentos, executados primeiramente no ar e depois repetidos no papel. (Modelo 4).

O Teste 4 examina a memória auditiva, pela repetição de sete palavras usuais, ouvidas pelo examinando.

O Teste 5, por um mínimo de compreensão de uma pequena história, verifica a memória lógica.

O Teste 6 mede a capacidade de prolação, pela pronúncia de dez polysílabos não usuais, de difícil repetição pelas crianças.

No Teste 7, o do recorte, é visada a coordenação motora. Nessa prova, o controle das mãos, tão necessário à aprendizagem da escrita, é verificado pelo recorte de duas linhas geométricas desenhadas num papel. (Modelo 5).

O Teste 8, constante de pontilhado em papel quadriculado, indica um mínimo de atenção e fatigabilidade. (Modelo 6).

Em todas as provas, mede-se, implicitamente, a capacidade de compreensão, pois todas elas representam ordens a ser executadas.

TÉCNICA DE APLICAÇÃO

Observações gerais:

Os testes ABC apresentam uma técnica de aplicação definida e inequívoca, em suas oito provas, que indagam aspectos diversos da estrutura da Leitura e Escrita.

Essa técnica de aplicação, ou modo de emprego, dos testes, não deve ser alterada, "mesmo no que possa parecer minúcia desprezível".

Durante a aplicação dos testes ABC, o professor, examinando individualmente os alunos, terá oportunidade, não só de conhecer as capacidades que essas provas visam, como de observar outros aspectos particulares do comportamento de cada criança. Assim sendo, deverá anotar, à margem das provas, todas as observações feitas sobre o estado geral de saúde do aluno, sobre deficiências da visão, da audição, da prolação, de vocabulário, sobre dificuldade de adaptação, instabilidade, emotividade excessiva, etc. Esses dados fornecerão elementos preciosos para um exame especial, que às vezes, se faz necessário; e quando não o seja, indicarão ao professor certos cuidados especiais que deverá ter com esta ou aquela criança.

O examinador designado para a aplicação dos testes deverá, não só conhecer antecipadamente as provas e normas a serem

observadas, como entregar-se ao trabalho com boa vontade e dedicação, compreendendo, assim, o verdadeiro alcance de tal exame. Deverá ainda:

- 1 — Respeitar sempre a ordem de apresentação das provas
- 2 — Colocar-se à direita do examinando, de preferência sentado, mantendo-se com a maior naturalidade possível.
- 3 — Mostrar-se sempre afável, acolhedor, evitando, no entanto, perturbar o examinando com excessos de afagos.
- 4 — Limitar-se, rigorosamente, às fórmulas de exame, o que, em absoluto, não o impedirá de repeti-las, caso o aluno não as tenha compreendido.
- 5 — Expressar-se em tom sempre igual de voz, clara e pausadamente, não falando muito alto, nem muito baixo.
- 6 — Ter o especial cuidado para que a criança não perceba alguma possível má impressão que tenha, durante o exame, evitando, por conseguinte, qualquer gesto de impaciência ou atitude denunciadora.
- 7 — Evitar a influência de sua personalidade sobre o aluno
- 8 — Encorajar o examinando, qualquer que seja sua reação dizendo sempre, em ocasiões oportunas, um "Muito bem".
- 9 — Não se preocupar com a notação ou avaliação das provas durante o exame. Nos testes 2, 4, 5 e 6, de reação verbal deverá cingir-se a anotar a reação verbal do examinando, escrevendo-a. Os testes 1, 3, 7 e 8 fornecem, por si mesmos, registro gráfico.

10 — No caso de ter um auxiliar para as anotações, recomendar-lhe que se mantenha em silêncio e que não traduza, por troca de olhares ou outro sinal qualquer, as impressões que tenha da marcha do exame.

11 — Interessar a criança pelo trabalho, pondo-a bem à vontade, e tendo o especial cuidado de não falar em provas, exame ou teste. Para tal, estabelecendo conversação natural, dir-lhe-á que vai ensinar um jogo ou brinquedo interessante, utilizando-se, de início, de uma palavra amável ou de uma pergunta que a interesse, como por exemplo: "Qual é o seu nome?" ou "Como se chama você?" etc.

12 — Adiar o exame nos casos de grande timidez ou de pranto excessivo.

13 — Deixar a criança canhestra trabalhar com a mão esquerda.

O examinando deverá:

1 — Sentir-se à vontade, calmo, interessado no trabalho; ter confiança no examinador.

2 — Ser colocado comodamente sentado a uma mesa ou cat

teira, de tamanho adequado à sua altura, e à esquerda do examinador.

3 — Apresentar-se, no local do exame, sem material escolar.

A P L I C A Ç Ã O

O exame completo faz-se, em média, em 8 minutos para cada criança e por um aplicador. Acha o prof. Lourenço Filho que não há inconveniência em que o exame seja feito, para cada criança, por dois examinadores, sendo um para 4 testes, respeitada sempre a ordem de sua apresentação. Nunca se deverá submeter a criança a mais de dois aplicadores, para evitar um maior esforço de adaptação à pessoa de novos examinadores.

A aplicação dos testes ABC deverá ser feita dentro da primeira quinzena de trabalhos escolares. Em se tratando de alunos novatos, ela deverá ser realizada depois de alguns dias de aula, para uma pequena ambientação da criança, pois, em muitos alunos, o contacto com o meio escolar produz forte impressão, sendo, portanto, conveniente dar-se-lhe o tempo necessário para essa ambientação, embora pequena.

Para o local da prova, deverá ser escolhido um gabinete ou sala, onde cada examinando seja chamado por sua vez, e que seja isolado, silencioso, claro, desprovido, não só de ornamentação, como de móveis desnecessários, evitando-se, deste modo que a criança desvie sua atenção para outros pontos.

Dever-se-á mais:

1 — Preferir a própria sala de aula ao gabinete do diretor, porque naquela a criança sente-se mais à vontade e o trabalho é menos perturbado.

2 — Evitar a presença de pessoas da família ou de estranhos, durante a realização das provas.

3 — Tomar as necessárias precauções para que o porteiro ou servente, em se tratando de grupos escolares, não perturbe o exame.

Material: — O material de exame, tanto para o aplicador, como para o aluno, é o mais reduzido possível. Embora possa ser improvisado pelo diretor ou professor, sempre que possível, deve dar-se preferência ao material impresso. Este poderá ser adquirido, por preço módico, na Companhia Melhoramentos de São Paulo, rua Libero Badaró, 30-D, na seguinte base:

Envelope com material completo para exame e	
20 fórmulas individuais	5\$000
Caixa com 100 fórmulas individuais	10\$000

O material, em geral, quer improvisado, quer adquirido, deverá ser previamente verificado pelo aplicador, para que seja

sempre respeitada a ordem da sucessão das provas, sem interrupção.

Uma vez realizado o exame, o material de cada aluno ficará arquivado à parte, com as respectivas folhas grampeadas.

Serão usados tantos relógios que marquem os segundos (ou cronômetros, se possível), quantos forem os aplicadores. E estes deverão ter, sempre à mão, de prevenção, alguns lapis apontados.

Notação: A notação é facilíma. É feita em 4 graus — superior, médio, inferior e nulo, que correspondem aos pontos 3, 2, 1 e 0. Sendo as provas em número de 8, e 3 o maior número de pontos para cada prova, teremos, como nota máxima, 24, e como mínima, 0.

Sempre que possível, os testes 1 e 3 deverão ser avaliados pelo mesmo professor.

TÉCNICA DO EXAME

Todo o material, antecipadamente preparado (se improvisado) ou verificado, (se impresso) deverá ser colocado à mão, na ordem da sucessão das provas.

A relação do material indispensável é a seguinte:

- Lapis n. 2;
- Lapis de côr (para o teste 8).
- Relógio que marque segundos (um para cada aplicador);
- Uma tesoura comum, tamanho médio, de preferência com as pontas embotadas;
- Material de exame, do qual o examinador se irá utilizar durante a aplicação, abrangendo as fórmulas verbais (transcritas em fichas).
- Fichas de avaliação;
- Fichas individuais (uma para cada examinando).

Estas últimas fichas, no caso de serem improvisadas, deverão aproximar, tanto quanto possível, do modelo impresso, como se vê abaixo:

T E S T E S A B C

Perfil do aluno
 Idade em meses côr Nacionalidade.....
 Filiação
 Profissão do pai
 Data do exame

Examinado por

Antes do início do exame, deverão ser preenchidos os dados constantes do Modelo n. 1, excetuando-se, naturalmente, os referentes ao traçado do psicograma do aluno.

Teste A.B.C

(Aluno
 Idade em meses Côr Nacionalidade
 Filiação
 Profissão do pai

	1	2	3	4	5	6	7	8
3								
2								
1								
0								

Revisado:
 N. M.

Data do exame
 Obter
 Examinado por

Teste 1



Figura I

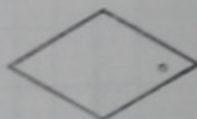


Figura II

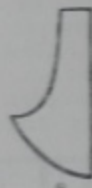


Figura III

Modelo 2

Teste 1

Nesta prova, o material do exame consta de três pequenos cartões, onde se acham impressas ou desenhadas a nanquim as três figuras que veem no modelo 2. Mostrar-se-á um cartão de cada vez.

Para o aluno, será fornecida meia folha de papel branco, sem pauta.

Fórmula verbal: Tome este lapis. Faça, neste papel, uma figura igual a esta. (Tempo máximo de espera, para reprodução, à vista do modelo: 1 minuto). Muito bem! Agora, faça outra, igual a esta. (Tempo máximo: 1 minuto). Agora, esta última. (Tempo máximo, 1 minuto). Muito bem!

Teste 2

Material de exame: um cartão branco, que tenha, no mínimo, 40 por 60 cm., ou, no máximo, 50 por 80, e onde estejam impressas sete figuras bem nítidas, de 10 cm. no mínimo e 20 no máximo.

Em se tratando de material improvisado, as figuras deverão ser desenhadas em cartolina, sem simetria, ao acaso.

A confecção do cartão deve obedecer às seguintes normas:

- Cada uma das figuras deve representar uma só coisa: objeto usual, fruta, veículo, não sendo necessário que guardem escala entre si. Assim, a figura que represente uma laranja poderá ter o mesmo tamanho da que represente um automovel;
- As coisas representadas deverão ser conhecidas, mas sem formar séries ou estruturas habituais, como por exemplo: caneta, lapis, régua, ou: calça, paletó, colete; ou: casaco, saia, blusa; ou botina, sapato, chinelo, etc.
- Também não deverão ser empregadas as seguintes figuras, representativas das palavras a serem reproduzidas no Teste 4: árvore, cadeira, pedra, cachorro, flor, casa e peteca. Esta precaução tem por fim evitar a possível influência sobre os resultados deste teste.

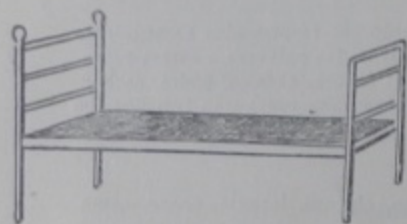
Exemplos de cartazes:

1.º: gato, automovel, sapato, xícara, laranja, chave, cama (Modelo 3).

2.º: Mesa, chapéu, banana, escova, automóvel, livro, colher.

Fórmula verbal — (Apresentando o cartão, pelo verso:) Do outro lado deste cartão, estão umas figuras muito bonitas. Eu

Teste 2



Modelo 3

vou virar o cartão e você vai olhar as figuras, sem dizer nada. Depois que eu esconder as figuras, você vai dizer o nome das coisas que você vir. (Depois de expor o cartaz por trinta segundos, e de o haver voltado de novo, escondendo as figuras): Que foi que você viu? Que mais?... Que mais?... (Se a criança inicia a enumeração à vista do cartão): Espere. Só diga quando eu mandar.

Observação: Deve-se tomar nota dos nomes ditos pelo examinando, o que nos proporcionará, muitas vezes, informações sobre a deficiência do vocabulário, repetição automática das séries, etc.

Material de exame:

Cartaz Mod. 3

Material para anotação:

Teste 2 — Nomes evocados

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

OBSERVAÇÕES

TESTE 3

Material: Para o examinando: Uma folha de papel.

Para o examinador: Um cartão com as figuras constantes do modelo 4.

Nesta prova, o aplicador deverá ter o cuidado de parar o movimento, antes de descer o braço. E o ponto de observação para a criança é ao lado do aplicador e não à frente d'êste.

Fórmula verbal: (O examinador, ao lado direito da criança, aponta, com o dedo indicador, para a frente, tendo o braço um pouco dobrado): Olhe bem o que meu dedo vai fazer aqui. (Reproduz no ar a figura A.) Faça agora, com o seu dedinho, o que eu fiz com o meu dedo. Agora, faça isto: (Reproduz no ar a fig. B). Agora isto. (Reproduz a fig. C) Muito bem! Agora pegue este lapis e faça no papel as figuras que você fez no ar, com c

TESTES ABC — TESTES III

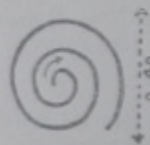


Fig. A

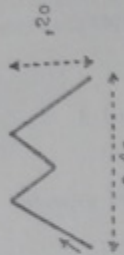


Fig. B

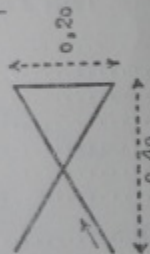


Fig. C

Modelo 4

seu dedinho. Faça uma de cada vez. (Quando a criança fizer longa pausa, ou mostrar-se tímida.) Muito bem! Agora faça a outra... Agora, a última.

TESTE 4

Fórmula verbal: Vou dizer sete palavras. Você preste muita atenção, porque depois vai dizê-las também. Escute: ÁRVORE — CADEIRA — PEDRA — CACHORRO — FLOR — CASA — PETECA.

Repita agora o que eu disse. (Se a criança parar na enumeração): Muito bem! Que mais? (A lista de palavras deve ser pronunciada em voz natural, sem cadência ou sublinhação de qual quer delas)

Material para anotação:

Teste 4 — Palavras reproduzidas

- 1 — ARVORE
- 2 — CADEIRA
- 3 — PEDRA
- 4 — CACHORRO
- 5 — FLOR
- 6 — CASA
- 7 — PETECA

OBSERVAÇÕES:

O examinador deverá anotar as palavras ditas pelo examinando, com os erros de pronúncia em que, por acaso, venha a incidir. Essa anotação será subsídio para o estudo individual do aluno.

TESTE 5

Fórmula verbal: Você gosta de histórias? Vou contar uma. Preste atenção porque depois você vai me contar esta mesma história. (Pausa) Maria comprou uma boneca. Era uma linda boneca de louça. A boneca tinha os olhos azues e um vestido amarelo, mas, no mesmo dia em que Maria a comprou, a boneca caiu e partiu-se. Maria chorou muito. (Pausa) Agora você me conte esta história. (Se a criança iniciar a narração e hesitar): — Que mais?

Material para anotação:

Teste 5 — Elementos da reprodução

Ações capitais:

1. comprou
2. partiu
3. chorou

Minúcias:

1. de louça
2. olhos azues
3. Vestido amarelo

OBSERVAÇÕES:

.....

.....

TESTE 6

Fórmula verbal — Diga alto: Cavalheiro! (pronuncie-se devagar, mas sem escandir as sílabas.) Muito bem! Agora, eu vou dizer outras palavras e você as vai repetindo: TOMBADURO — PINDAMONHANGABA — NABUCODONOSOR — DESENGONÇADO — SARDANAPALO — CONSTANTINOPLA — INGREDIENTE — COSMOPOLITISMO — FAMILIARIDADE — ITAPETININGA (Depois de cada palavra, o examinador aguarda a repetição da criança, anotando as palavras que forem mal reproduzidas. Se a criança falar em voz baixa, deve-se dizer: Mais alto! Se atropeladamente, deve-se aconselhar: Mais devagar!)

Material de anotação:

Teste 6 — Palavras repetidas*

1. Tom-ha-dou-ro
2. Pin-da-mo-nhan-ga-ba
3. Na-bu-co-do-no-sor
4. De-sen-gon-ça-do
5. Sar-da-na-pa-lo
6. Cons-tan-ti-no-pla
7. In-gre-di-en-te
8. Cos-mo-po-li-tis-mo
9. Fa-mi-lia-ri-da-de
10. I-ta-pe-ti-nin-ga

Observações

.....

TESTE 7

Material — Uma tesoura e uma folha de papel onde estejam impressas ou riscadas a lapis azul, em traço forte, as figuras que devem ser perfeitamente iguais ao desenho e dimensões do modelo abaixo: (Modelo 5).

Teste 7 — Mod. 5 (modelo para o recorte. Tamanho natural).

Fórmula verbal — Você vai cortar este desenho, o mais depressa que você puder, passando a tesoura bem pelo meio do risco. Assim! (Indica-se a operação, dando um ligeiro corte no início do traço sinuoso; coloca-se a tesoura sobre a mesa.) Pode começar. (Marca-se um minuto). Pare! Muito bem! Agora corte no outro risco. Pode começar. (Marca-se um minuto). Pare! Muito bem! (Se acaso, de início, a criança não compreendeu a ordem, deve-se repetir a fórmula verbal, sem alterá-la).

TESTE 8

Material — Nesta prova, poderá ser usado um lapis grosso, de côr. Papel quadriculado, impresso ou riscado, com cem quadriculos de um centímetro quadrado, igual ao Modelo 6.

Modelo 6 — Teste 8

Fórmula verbal — Você vai fazer um pontinho bem forte, em cada quadradinho destes, o mais depressa que você puder. Assim... (Fazem-se três pontinhos nos três quadriculos da linha superior. Põe-se o papel, na posição conveniente para a criança, e entrega-se-lhe o lapis) Comece. (Marcam-se 30 segundos). Pare.

Nota — No caso da criança fazer tracinhos ou cruzinhas, em lugar de pontos, deve-se observar, sem interromper o trabalho: "Não quero risquinhos, quero um pontinho em cada casinha, como eu ensinei".

AVALIAÇÃO DOS TESTES

Teste 1

— Quando a reprodução do quadrado estiver perfeita ou com dois lados apenas sensivelmente maiores, conservando todos os ângulos retos, o losango com os ângulos bem observados, e a terceira figura reconhecível — 3 pontos.

— Quando a cópia do quadrado tiver dois ângulos retos, e as demais figuras forem reconhecíveis — 2 pontos.

— Quando as três figuras forem imperfeitas, mas dissemelhantes — 1 ponto.

— Quando as três figuras iguais entre si (três tentativas de quadrado, três cédulas, três simples rabiscos) ou apresentarem desenhos quaisquer de invenção (uma casa, um balão, por exemplo) — zero.

Teste 2

- Se a criança disser o nome das sete figuras — 3 pontos.
- Se disser o nome de 4 a 6 figuras — 2 pontos.
- Se disser de 2 a 3 — 1 ponto.
- Se disser apenas 1 ou não disser nada — zero.

Não importa o nome exato, mas a evocação exata da coisa. Considerem-se certas respostas como: luz, por lâmpada; cousa de passar na roupa, por escova, etc. No caso de repetição automática de séries que não figuram no cartaz, a nota também será nula ou zero.

Teste 3

Far-se-á a avaliação apenas pelas figuras desenhadas, e da seguinte forma:

- 1 — Boa reprodução das três figuras — 3 pontos.
- 2 — Boa reprodução de duas figuras e reprodução regular de uma, ou reprodução regular das três — 2 pontos.
- 3 — Má reprodução de todas as figuras, mas de modo a diferenciá-las; ou reprodução regular de duas e invertida de uma — 1 ponto.
- 4 — Inversão de duas figuras ou das três; ou reprodução idêntica para as três — zero.

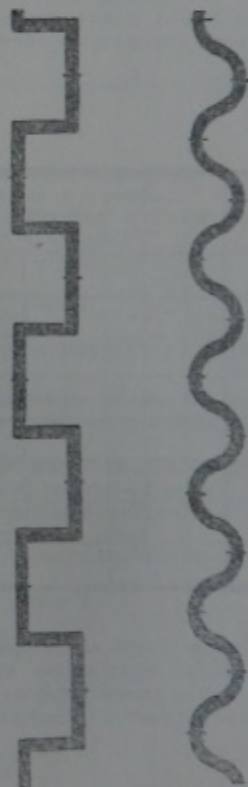
Teste 4

Nesta prova, a avaliação é apenas numérica.

- 1 — Reprodução das sete palavras — 3 pontos.
- 2 — Reprodução de 4 a 6 palavras — 2 pontos.
- 3 — Reprodução de 2 a 3 palavras — 1 ponto.
- 4 — Reprodução de uma só palavra, ausência de reprodução, ou enumeração de série completamente diversa — zero.

Testes A-B-C

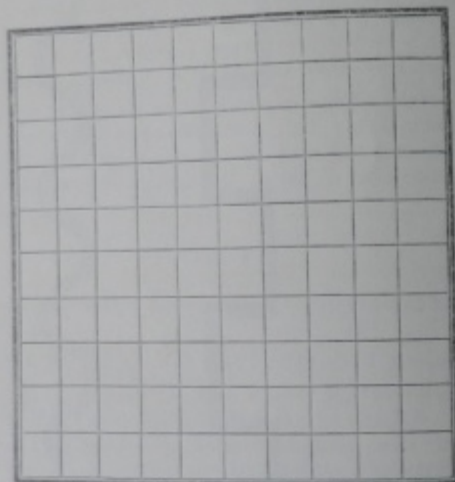
TESTE VII



Modelo 6

Testes A-B-C

Teste 8



Modelo 6

Teste 5

- 1 — Se a reprodução indicar as três ações capitais (comprou, partiu e chorou) e, bem assim, as três minúcias (de louça, olhos azues, vestido amarelo) — 3 pontos.
- 2 — Se as três ações e uma minúcia — 2 pontos.
- 3 — Se tão somente as três ações, ou duas ações e minúcias — 1 ponto.
- 4 — Se duas ações apenas, ou uma ação e minúcias — zero.

Teste 6

Pelas palavras reproduzidas acertadamente:

- 1 — Nove ou dez palavras — 3 pontos.
- 2 — De cinco a oito — 2 pontos.
- 3 — De duas a quatro — 1 ponto.
- 4 — Uma ou nenhuma — zero.

Teste 7

A avaliação terá em vista a quantidade e a qualidade do trabalho. Assim:

- 1 — Cortando mais de metade de cada desenho, no tempo marcado de um minuto, para cada, sem que tenha saído do traço — 3 pontos.
- 2 — Cortando mais de metade, saindo do traço; ou, embora respeitando o traço, menos de metade — 2 pontos.
- 3 — Cortando com regularidade relativa, até metade, em dos desenhos e parte do outro — 1 ponto.
- 4 — Não respeitando de modo algum o desenho — zero.

Teste 8

Contam-se os pontinhos, exceto aqueles que tiverem sido feitos pelo examinador, para demonstração inicial, de técnica. Todos os pontinhos serão contados, mesmo quando mais de um tenha caído no mesmo quadrículo. Os tracinhos serão desprezados, porém.

A notação é a seguinte:

- 1 — Mais de 50 pontinhos — 3 pontos.
- 2 — De 26 a 50 — 2 pontos.
- 3 — De 10 a 25 — 1 ponto.
- 4 — Menos de 10 — zero.

AVALIAÇÃO GERAL

Far-se-á a avaliação geral, somando-se os pontos obtidos pelo examinando em cada uma das oito provas. Assim, supondo-se que uma criança alcance:

3 pontos no Teste	1
1 ponto " "	2
1 " " "	3
1 " " "	4
3 pontos " "	5
0 " " "	6
2 " " "	7
1 ponto " "	8
2 pontos " "	8
<hr/>	
13 pontos	

ter-se-á, como resultado geral, 13 pontos. Esse resultado, 13, indica o nível de maturidade para a leitura e escrita (NM), e não tem a menor relação com a idade cronológica ou com a idade mental da criança.

O mínimo de pontos é zero e o máximo, 24 (3×8), incidindo o valor central, típico ou representativo do grupo, em 14.

Para os efeitos práticos, consideram-se os quartis: o médio, entre 12 e 16 pontos; o superior, de 17 a 24 pontos; e o inferior, de 11 pontos para baixo.

Por meio de observações reiteradas, chegou o professor Lourenço Filho à seguinte previsão:

- A criança que alcançar 17 ou mais pontos, aprenderá a ler e escrever, sem dificuldade ou cansaço, num semestre letivo.
- A que obtiver de 12 a 16 pontos, aprenderá, normalmente, num ano letivo;
- Aquela cujo resultado for inferior a 10 pontos aprenderá com dificuldade, exigindo, na maioria dos casos, tratamento especial;
- Toda criança, cujo nível de maturidade seja de 7 pontos para baixo deverá ser submetida a exame de saúde e nível mental, e, conseqüentemente, a tratamento adequado;
- Por observação clínica, chegou à conclusão de que as crianças classificadas no quartel inferior, apresentam, na maioria dos casos, esta ou aquela deficiência física.

Perfil individual

A elaboração do perfil individual é aconselhada para o estudo particularizado das capacidades de cada criança, de modo que interessa mais ao estudo individual do que à organização das classes selecionadas.

O psicograma do aluno, permite, pela sua simples inspeção o conhecimento das deficiências do examinando em relação aos diferentes aspectos da aprendizagem da leitura e escrita, e, conseqüentemente, a organização de exercícios corretivos ou de estímulo.

Será muitíssimo simples o levantamento do perfil individual. Para tal, depois de avaliadas as provas, far-se-á a figura do Modelo 7, em que as divisões transversais correspondem às quatro notas que se podem conferir em cada teste — 3 (+), 2 (M), 1 (—) e 0 (nulo), e as longitudinais correspondem aos oito testes, na ordem de sua apresentação.

Assim, considerando-se o mesmo aluno citado na "Avaliação geral", far-se-á a consignação, por um ponto na coluna respectiva do resultado parcial obtido pela criança em cada uma das oito provas. Ligados todos os pontos marcados por um traço contínuo, ter-se-á então o perfil do suposto aluno.

RESULTADO: MM — 13.

Resultado: $3+1+1+3+0+2+1+2=13$

Mod. 7

Resultados parciais:

1.º teste — 3 pontos

2.º teste — 1 ponto

3.º teste — 1 ponto

4.º teste — 3 pontos

5.º teste — 0 pontos

6.º teste — 2 pontos

7.º teste — 1 ponto

8.º teste — 2 pontos

Soma...13 pontos.

PERFIL DA CLASSE

Aconselha-se a elaboração de um perfil da classe, para a visão do conjunto das capacidades que o professor recebe, e organização de possíveis exercícios corretivos, de caráter coletivo.

Ele permite ao professor o conhecimento das deficiências da classe em geral e está para esta, assim como o perfil individual está para determinado aluno.

Poderá ser levantado com facilidade. Assim:

Somando-se os valores obtidos na primeira prova, por todos os alunos da classe, e dividindo-se o resultado pelo número de alunos, obtém-se o valor médio dessa prova. Pelo mesmo processo, aplicado às demais provas, obtém-se os dados para a construção do perfil da classe.

Para o conhecimento da soma dos valores obtidos em todas as provas por todos os alunos da classe, far-se-á o levantamento do quadro de frequência, utilizando-se, para isso, de uma figura de idêntica disposição, porém de maior dimensão do que a usada para o traçado do perfil individual (Mod. 7).

Suponha-se uma classe com o efetivo de 44 alunos. Tomando o psicograma dos alunos, um a um, vai-se marcando, nas respectivas colunas do quadro de frequência, por meio de um pequeno traço, a nota obtida em cada uma das oito provas.

A título de exemplo, marca-se nitidamente, (1) no modelo abaixo, as mesmas notas que serviram ao traçado do "Perfil individual". Facilitando a contagem da frequência em sua marcação, os quatro primeiros traços de um mesmo valor são feitos verticalmente, e o quinto horizontalmente, cortando os primeiros.

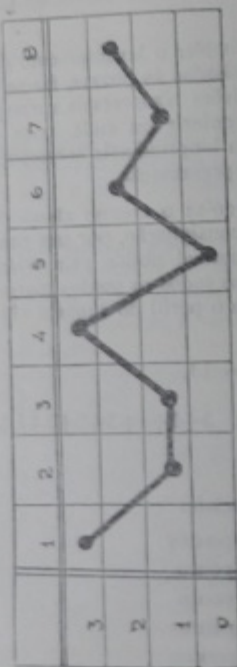
Uma vez registrada toda a frequência da classe, deve-se verificar se não houve engano na marcação das notas, somando as frequências obtidas em cada um dos testes. E, sendo a soma igual ao número de alunos examinados, os resultados devem ser os mesmos para os oito testes, conforme observa-se no modelo abaixo (8).

Todos os resultados obtidos no teste 1 acham-se na coluna 1, distribuídos, conforme seus valores. Houve 14 notas 3, 17 notas 2; 12 notas 1 e uma nota 0, num total de 44 alunos examinados.

Para se obter o valor médio de cada teste, emprega-se a fórmula para o valor médio: $(\bar{x}) = \frac{\text{Resultado}}{N}$

Perfil individual

Teste 1 (D.C.)



* Resultado

N.M. = 13

$$\text{Resultado: } 3 + 1 + 1 + 3 + 0 + 2 + 1 + 2 = 13$$

Modelo 7

Testes A-B-C

	1	2	3	4	5	6	7	8	
3									44
2									44
1									44
0									44
	1	1	2	3	4	5	6	7	8

Quadro de frequência

A letra grega (que se lê sigma maiúsculo) equivale ao nosso S e é um símbolo matemático empregado para significar uma soma de valores.

- f = frequência
- v = valor obtido no teste
- N = número de casos
- Σ = soma

Assim ter-se-á:

1.º teste:
 $14 (\text{número de alunos}) \times 3 (\text{valor obtido no teste}) = 42$
 $17 (" " ") \times 2 (" " " ") = 34$
 $12 (" " ") \times 1 (" " " ") = 12$
 $1 (" " ") \times 0 (" " " ") = 0$

Donde $(14 \times 3) + (17 \times 2) + (12 \times 1) + (1 \times 0) = 88$
 Dividindo 88 (soma) pelo número de alunos examinados, isto é, por 44, obtém-se o valor médio do teste 1, que neste caso é 2.

Segundo o mesmo processo tem-se o valor médio para os outros testes:

Teste 1 — $\frac{(14 \times 3) + (17 \times 2) + (12 \times 1)}{44} = 2$

Teste 2 — $\frac{(7 \times 3) + (17 \times 2) + (17 \times 1)}{44} = 1,63$

Teste 3 — $\frac{(4 \times 3) + (10 \times 2) + (12 \times 1)}{44} = 1$

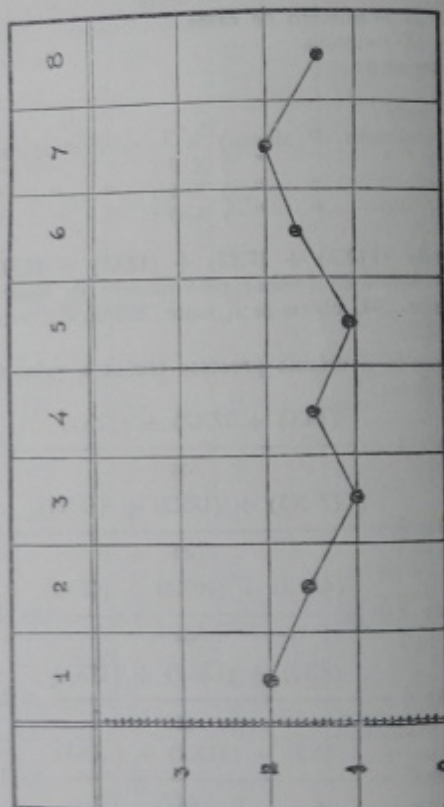
Teste 4 — $\frac{(8 \times 3) + (13 \times 2) + (16 \times 1)}{44} = 1,5$

Teste 5 — $\frac{(7 \times 3) + (11 \times 2) + (7 \times 1)}{44} = 1,13$

Teste 6 — $\frac{(12 \times 3) + (13 \times 2) + (13 \times 1)}{44} = 1,7$

Teste 7 — $\frac{(13 \times 3) + (18 \times 2) + (13 \times 1)}{44} = 2$

Testes A-B-C
Perfil de uma classe



Resultado
12,39

Modelo 9

$$\text{Teste 8} = \frac{(8 \times 3) + (11 \times 2) + (11 \times 1)}{44} = 1,43$$

Os valores médios dos 8 testes são respectivamente 2 — 1,63 — 1 — 1,5 — 1,13 — 1,7 — 2 e 1,43, e constituem os dados para o traçado do perfil da classe, cujo resultado $(2 + 1,63 + 1 + 1,5 + 1,13 + 1,7 + 2 + 1,43)$ é igual a 12,39, que representa a média do resultado da classe.

Perfil da suposta classe — Mod. 9

“Tais resultados poderão ser apresentados também sob a forma de um histograma”. E, para isso, será necessário transpor para a escala centesimal os valores médios encontrados. Vejamos: Sendo 3 o valor máximo do teste ABC, se no teste 1, por exemplo, todas as crianças tirassem essa nota, a porcentagem seria de 100%. Atualmente, em nossas escolas, são usadas notas de 1 a 100, de modo que nesse caso a nota 3 do teste corresponde à nota 100 atual. E, assim, os valores poderão ser expressos em relação a 100. Estabelece-se, então, a seguinte proporção: o valor médio obtido em cada teste está para 3 assim como X está para 100. Onde: X = valor médio X 100.

3

No exemplo citado para o traçado do perfil da classe, foram obtidos os seguintes valores médios:

Teste 1 — 2	Teste 5 — 1,13
Teste 2 — 1,63	Teste 6 — 1,7
Teste 3 — 1	Teste 7 — 2
Teste 4 — 1,5	Teste 8 — 1,43

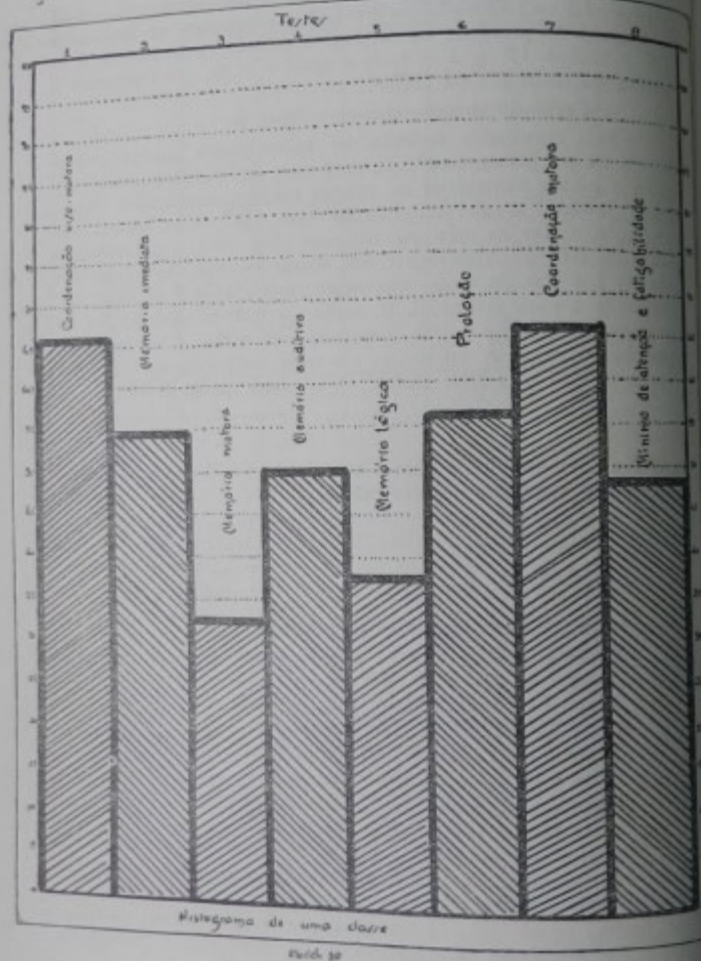
Donde virão as seguintes proporções:

Teste 1 — 2:3::X:100	X = 66,66
Teste 2 — 1,63:3::X:100	X = 54,33
Teste 3 — 1:3::X:100	X = 33,33
Teste 4 — 1,5:3::X:100	X = 50,0
Teste 5 — 1,13:3::X:100	X = 37,66
Teste 6 — 1,7:3::X:100	X = 56,66
Teste 7 — 2:3::X:100	X = 66,66
Teste 8 — 1,43:3::X:100	X = 47,66

De posse desses dados, que representam os valores na escala centesimal, com facilidade levantaremos o histograma da classe, colocando na ordenada a escala dos valores e na abscissa os testes, (mod. 10). O levantamento do histograma permite:

I — Ao professor, a organização de exercícios coletivos de

Testes A-B-C



estímulo ou corretivos necessários às deficiências médias da classe, nos diversos aspectos funcionais do processo da aprendizagem da leitura e escrita.

2.^o — Aos diretores, a verificação das condições das classes, bem como o estudo do confronto do resultado do ensino, por diferentes processos, em classes de perfis quasi idênticos.

TESTES A-B-C

ORGANIZAÇÃO DE CLASSES SELECIONADAS

Como organizar as classes selecionadas pelos testes ABC? Em 1.^o lugar, deve-se fazer a ordenação dos alunos na ordem crescente ou decrescente, segundo os pontos obtidos. Depois, faz-se a separação dos mesmos, em grupos, de acordo com a lotação normal das classes. Assim, os 35 ou 40 alunos que obtiverem maior número de pontos, formarão uma classe, os 35 seguintes, outra, e assim por diante. É absolutamente necessário que se tenha sempre a preocupação de reduzir o efetivo das classes constituídas de alunos classificados com menor número de pontos. Nos pequenos grupos escolares ou escolas, devido ao pequeno número de alunos, a homogeneização será relativa, permitindo o agrupamento de alunos classificados com variação maior que 4 pontos. Mesmo neste caso a seleção pelo conhecimento do nível de maturidade dos alunos para leitura e escrita trará vários benefícios, permitindo às classes reagirem mais proveitosamente ao ensino. Em se tratando de grandes grupos ou escolas com várias centenas de alunos analfabetos, as classes selecionadas terão maior homogeneidade. Assim, poderão ser organizadas classes de alunos que obtiveram de 8 a 10 pontos, outra de 11 a 13, outra de 14 a 16, e assim por diante.

Citaremos um exemplo real de organização de classes selecionadas pelos testes ABC, figurado no Mod. 11 e apresentado pelo distintíssimo Prof. Plínio Damasco Pena, então diretor do Grupo Escolar de São Vicente de Paula. Teremos a oportunidade de verificar que, num total de 8 classes selecionadas, foram organizadas 3 classes fracas, respectivamente com 1 a 7 pontos, 7 a 9 e 9 a 11, 4 classes médias com 11 a 12 pontos, 12 a 14, 14 a 15 e 15 a 16; e uma classe forte com 17 a 20 pontos. (Mod. 11).

A porcentagem geral de promoção obtida pelas oito classes selecionadas foi de 75,74 % assim distribuída: 42,31 % pelas classes fracas, 84,93 % pelas classes médias, e 100 % pela classe forte. (Modelo 11-A).

Grupo Escolar São Vicente de Paula

Tabela A. B. C. - Distribuição dos alunos de 1º ano em 1958

Histograma

1º Ano A

100 alunos

1º Ano B

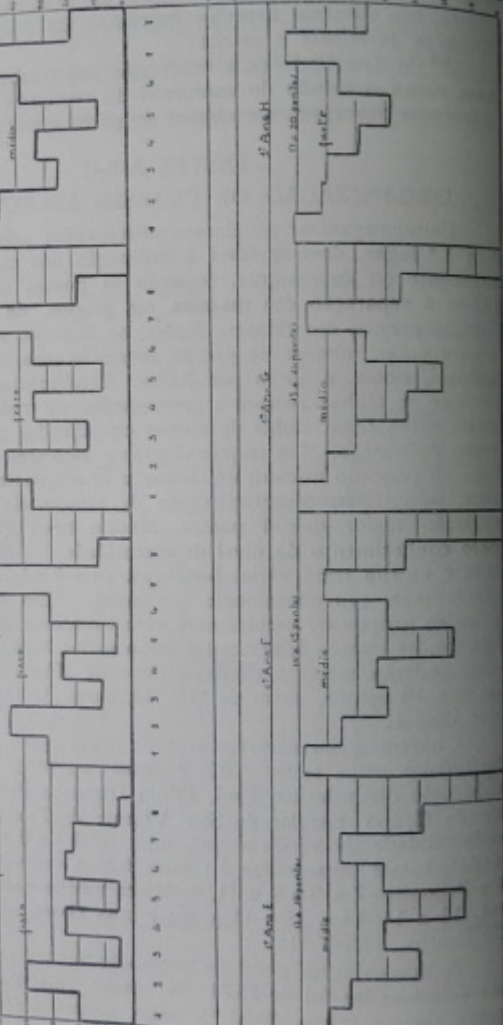
100 alunos

1º Ano C

100 alunos

1º Ano D

100 alunos



1º Ano E

100 alunos

1º Ano F

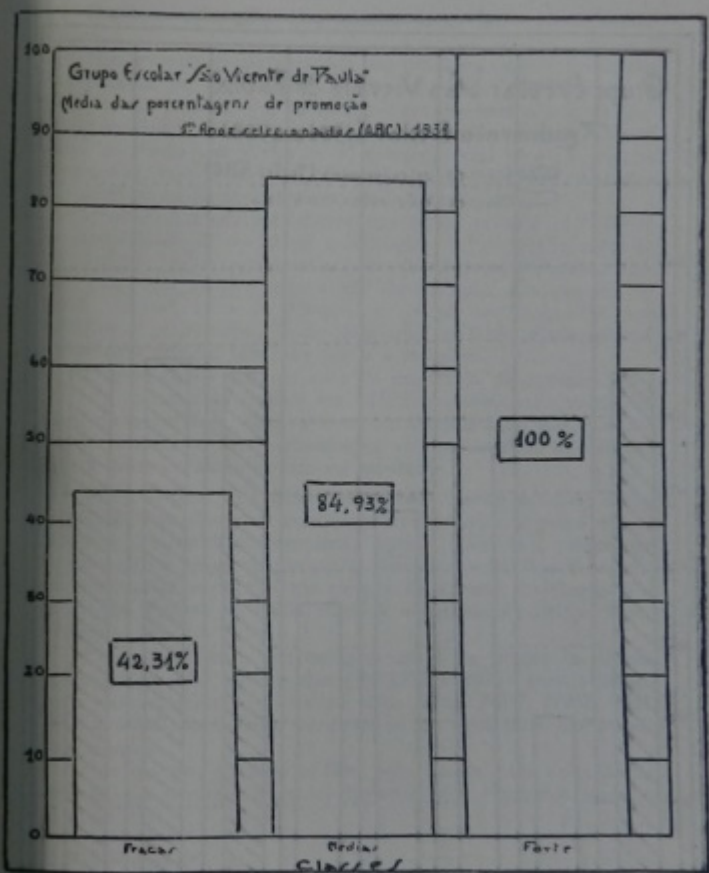
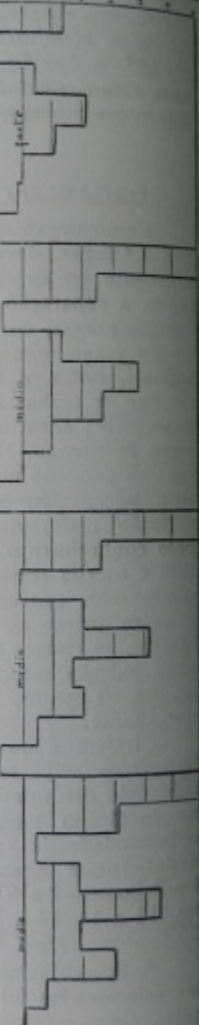
100 alunos

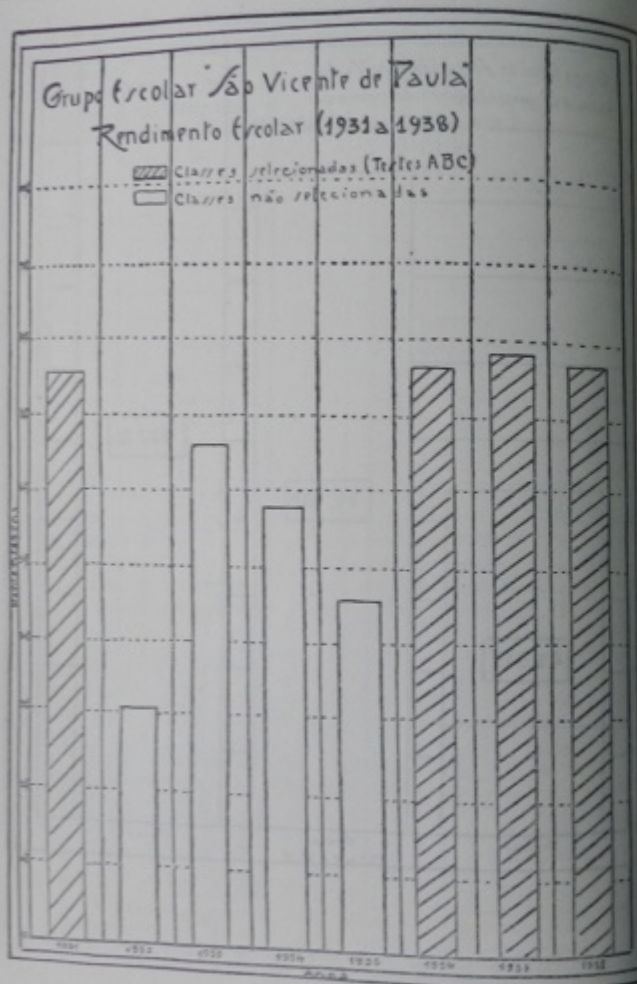
1º Ano G

100 alunos

1º Ano H

100 alunos





Nessa seleção, não foi considerado o fator idade cronológica.

Nos grupos escolares ainda maiores, as classes selecionadas poderão ser organizadas, obedecendo a dois critérios: o de nível de maturidade, que sempre é o critério básico, e o da idade cronológica, que representa um critério acessório. Nesse caso, existindo um grupo de 80 crianças com 12 e 13 pontos, formam-se duas classes de 40 alunos cada uma. E uma delas receberá os alunos de maior idade cronológica.

Poder-se-á ainda estabelecer um triplo critério: 1.º Nível de maturidade, 2.º — idade cronológica; 3.º — idade mental. No entanto, essa organização é de difícil praticabilidade, porque exige um serviço especial de classificação. Os exames de nível mental, além de demorados, devem ser realizados por técnicos especializados, razão pela qual o fator idade mental nesse caso sempre tem sido posto à margem.

O essencial é que, no caso da existência de grandes grupos de alunos classificados em idênticas condições quanto ao nível de maturidade, deve-se levar em consideração não só o fator secundário — idade cronológica — mas também a circunstância de ser o aluno novato ou repetente.

Desnecessário será frisar a grande vantagem que a organização das classes selecionadas traz ao ensino, pelos vários motivos já inicialmente expostos. Apenas poder-se-á comprovar tal afirmativa, apresentando um gráfico demonstrativo do rendimento escolar verificado nas classes de 1.º ano do Grupo Escolar São Vicente de Paula, durante o período de 1931 a 1938. (Modelo 12).

Comparando-se a porcentagem geral de promoção obtida pelas classes não selecionadas (de 1932 a 1935) com a alcançada pelas classes selecionadas pelos testes ABC, (1931, 1936, 1937 e 1938), facilmente verificam-se as vantagens destas sobre aquelas.

Por motivos de toda ordem, pois, somos pela seleção das classes, principalmente em se tratando dos primeiros anos.

Bib. consultada:

Testes ABC — prof. Lourenço Filho.

Um ensaio de organização de classes seletivas de 1.º grau, com emprêgo dos testes ABC — Noemy Silveira.

Contribuição ao estudo dos testes ABC — J. B. Damasco Pena.

Os testes ABC, como meio de seleção de classes — Onofre Penteado. As classes seletivas de 1.º grau e os testes ABC — Bruno Vollet.

Elementos de estatística geral — Milton da Silva Rodrigues.

JOSÉ BENEDITO MADUREIRA

(Inspetor, em comissão, do Ensino Secundário e Normal)

Desde os primeiros dias de aula deve a criança rabiscar à vontade, transportando ao papel todas as imagens que lhe passem pela mente.

Não há nesta fase especificação de exercício.

Observações psicológicas têm demonstrado que não se deve impor às crianças que iniciam o curso primário a reprodução de formas comuns, embora sejam estas consideradas as mais fáceis de serem representadas que as figuras humanas, casas, objetos conhecidos, cenas sociais, paisagens, etc. Esse processo desagrada à criança, que já desenhava em casa, a seu bel prazer, assuntos que lhe apeteçiam.

Convém, pois, deixá-la rabiscar livremente o que a sua imaginação ditar, pois que assim procedendo, ter-se-ão desenvolvido, em breve, as suas faculdades motoras, de imaginação e observação.

Algum tempo depois a curiosidade da criança voltar-se-á naturalmente ao estudo do natural. E nessa época o mestre diligente escolherá os primeiros modelos, simples, de fáceis contornos, ao alcance da classe.

Não devem ser dados exercícios em separado, inicialmente, sobre elementos do desenho: linhas retas, curvas, inclinadas, figuras geométricas, etc., pois na mente da criança já existem imagens adquiridas, que devem ser externadas no papel, livremente.

Os primeiros trabalhos serão exóticos, imperfeitos, mas não são os desenhos em si que interessam, e sim a expressão do desenho infantil, visto através dessas manifestações gráficas.

O desenho, em si, é uma síntese, um todo, um conjunto.

A execução de um desenho, aparentemente mecânica, é no entanto, função mental, analítica e educativa.

Na cópia do natural a criança tem, de início, vagamente, a impressão do modelo. Grava, principalmente, as partes mais salientes do conjunto. Após observação mais demorada, desce naturalmente à análise.

Do todo para as partes, do conjunto para as minúcias, do esboço para os pormenores, eis indicada a marcha a seguir no estudo da natureza.

Desde que manifestem os alunos uma certa facilidade no manéjo do lapis, deverão aplicá-la na expressão do aprendizado que vêm adquirindo.

Fica assim o desenho colocado em seu devido lugar, como auxiliar do ensino de todas as disciplinas do programa primário.

Colocá-lo como matéria à parte, sem que se readapte ou se ajuste às situações reais do ensino; fazer a criança desenhar, com o fim de torná-la, amanhã, desenhista; organizar uma série de modelos, na ordem crescente das dificuldades, sem que estes desenhos se relacionem com a atualidade das lições, e dá-los aos alunos, para que os copiem, é fugir à real finalidade do desenho no curso elementar. E' cometer um erro imperdoável e incompatível com a nossa evolução pedagógica.

Figura, como se vê, o desenho na escola primária, como meio de expressão.

Como linguagem que é, mais eloquente que a palavra falada ou escrita, o desenho infantil surge a todo instante como expressão concreta do aprendizado.

A finalidade do desenho na escola primária é, sobretudo, educativa.

À vista disso, desde o primeiro dia de aula, essa disciplina não pode ser olvidada, pois deve acompanhar as técnicas fundamentais: leitura, cálculo, linguagem oral e escrita.

Se a criança garatuja desde os três anos de idade, procurando representar no papel aquilo que a rodeia e mais a impressiona, como sejam as cenas familiares, casas, homens, animais domésticos, objetos conhecidos, etc., porque interromper na escola, que é a continuação do lar, esse caminho, naturalmente indicado na metodologia do desenho?

A criança deve, pois, iniciar os seus trabalhos em desenhos espontâneos, com toda a liberdade de ação, ao transmitir ao papel a sua imagem mental.

Torna-se, assim, vasto e vago o programa que não pode ser delimitado, de modo absoluto, competindo ao mestre encaminhar o desenho no sentido de que se torne veículo da imaginação infantil.

Manejando desde os primeiros dias o lapis de côr, o desenho será feito com interesse e boa vontade pelos alunos, que devem logo ser iniciados na feitura de cercaduras em seus trabalhos, afim de que se lhes incremente o gosto pelo ornamento e pela decoração.

Após vários meses de desenho espontâneo serão escolhidos os primeiros desenhos do natural, compostos de objetos planos, de linhas simples, como sejam: fôlhas, frutas, flores, objetos

usuais, etc. Em graduação crescente das dificuldades, nos demais graus surgirão outros modelos, competindo ao mestre encaminhar a observação das crianças às partes mais difíceis do modelo natural.

Se é verdade que na escola primária o desenho não visa formar artistas, também não o é menos que essa disciplina desperta e desenvolve as emoções estéticas e artísticas da criança. Ao mestre compete, ainda, distinguir, estimular e encaminhar as reais vocações artísticas encontradas nos bancos escolares.